

ANO 1

# TYPOGRAPHO

ORÇÃO LITTERARIO

REDACTOR--PEDRO GOUDÉ

DIRECTORES:—MANOEL RODRIGO PEREIRA MACHADO FALCÃO E HERMELINO B

Assig. por mez 300 rs.

PROPRIEDADE DOS EMPREGADOS DO CONSERVADOR

PUBLI

Pagamento adiantado

Desterro — Segunda-feira 30 de Julho de 1888.

SEM

## Expediente

O TYPOGRAPHO publica-se nas segundas-feiras, e assigna-se na officina do CONSERVADOR, rua do Principe n. 63.

te se vai desanuveando para inundar-nos o cerebro com os clarões de sua luz bemdicta, --a luz da illustração !

gato caudaloso, corrente as pombas

Não se mostra cansavel pereguns minutos se po, por atravez

Um pequenito, dez annos, acom

Como, porém, somos ainda muito pequeninos

MUTILADO

**ZIRA**

...simo salão illumina-  
ca, sobre uma *chaise*  
camente rendilhada,  
recostava-se pesada-  
rendo o tecto com  
editabundo, em que  
caracteristicamente  
ociedade.

...tava aquelle cerebro  
bordar de pensamen-

— desoito primave  
a de uma fortuna  
ite de belleza e vida,  
o em companhia de  
da sempre quando  
s promptos a dar-  
primeiro aceno, —  
zia, em que os go-  
para quem, como  
ra e a riqueza lhe  
u maior ou me-  
então esse des-

... porta veio des-  
almas subtilmen-

ta com suas mãos alvissimas o cor-  
tinado que occulta à sala a porta,  
que se abre ao « tic » dos dedinhos  
da moça.

Um mancebo de estatura apre-  
ciavel, tez rosada, e bigodinho lus-  
troso e perfumado, penetra na sala.

— Ah ! és tu, Leonel !...

— Sim, querida. Recebi á pouco  
tua cartinha, que...

— Que mandava-te chamar, não  
é ?

— Exactamente.

Alzira, pallida como a lua, e  
como esta formosa, indicou ao jo-  
ven uma cadeira, junta á « chaise-  
longue ». Sentaram se.

— O que te contraria, Alzira  
diz o moço estreitando entre as suas,  
as mãos finas e setinosas o joven;  
porque essa pallidez de cadaver, es-  
se tremor de precito ?

Alzira deixou pender a fronte  
mollemente, como Maria ao ver Je-  
sus na cruz. Duas lagrimas despen-  
deram se-lhe dos olhos. Dir se-hia  
uma mãe que vê arquejando, a en-  
lear-se nas azas da Morte. o seu pri-  
meiro filho.

— Então não me respondes !

— Explica-te depressa... que tens ?

— Ha tres mezes, continuou Alzira,  
eu vi um cavalhei o no theatro, um  
mocinho formoso que as-estava seu  
binoculo para meu camarote. Com-  
preendi que o motivo da sua dis-  
tracção era sem duvida eu... As-  
sesei tambem meu binoculo para  
elle... Namoramo nos... No dia se-  
guinte eu estava aqui na janella,  
e vi-o passar. Elle fi-ou-me e conhe-  
ceu-me... Approximou-se da janella  
em que eu estava e... fallámos d'a-  
mor. Pediu-me uma entrevista para  
a noite; eu assedi...

Alzira parou, emquanto o rubor  
inudava lhe as faces ..

— E depois, perguntou Leonel com  
interesse...

--Depois...chegou á noute... Fui  
esperal-o no caramanchão proximo  
ao muro do jardim .. Não tardou  
muito. Uma conversação travamos  
então... Um delirio d'amor arreba-  
tou n'um mesmo instante nossas al-  
mas, cahindo um nos braços do  
outro...

Houve uma pausa, apoz a qual,  
ella continuou:

— Dois mezes apoz... senti

MUTILADO

Leonel levanta-se de um salto, e despejando dos olhos chamas de odio e desespero, passeia de um lado a outro da sala-

Subito pára em frente á desgraçada Alzira, e n'um arrebatamento de colera, afasta-lhe as mãos que lhe cobriram o rosto e interroga-lhe com uma voz, que mais se parecia a um trovão:

— Diz-me, diz-me depressa quem é esse homem que te robon a flôr da virgindade? Diz-me diz-me... quero vingar-te...

— Descança... murmurou tristemente Alzira, descança... elle falleceu!

— Ah! miseravel!

— Oh! não, *elle* era bom! *elle* casava commigo!

— Mas... e agora? Estás deshonrada.. alimentas no seio um fructo que virá descobrir esse acontecimento fatal...

— Sim! é verdade... mas tu podes me salvar...

— Como?

Ella hesitou... De repente cahe de joelhos a seus pés, banhada em lagrimas e supplicante:

— Dai-me o teu nome, Leonel, dai-me! e eu estarei salva! Ninguém sabará o nome de Leonel...

Corr  
que  
ca

Cãozinho

— Dá-me um beijo, disse elle.

Neste momento, quando eu atravessava o salão, o teu cãozinho poz-se a ladrar, o teu cãozinho, ó minha amiga!

— O que me estás dizendo? meu marido podia ter acordado, disse ella e grande perigo teriamos corrido; mas, tranquilizemo-nos, eu hei de arranjar tudo.— Então, dá-me um beijo, disse elle.

No outro dia, ella deu arsenico ao marido em um doce de groselha, e contou a historia por este modo: « Meu marido expirou n'este momento, quando eu atravessava o salão »

Ao cãozinho mandou afogar por uma criada: e foi ao expirar da tarde quando a Noite cerrava com os dedos de ebano as portas do Occidente, que pela ultima vez o pobre cãozinho poz-se a ladrar.

— Fizeste mal, minha querida; tu não devias já não estar com o pé como a pedra do altar lavada todas as noites.

— Ora! respondeu... meu...

A publicação de  
feita, acompanhada  
essa 3: avuras.  
Nesta obra colla  
293 autores fr.  
Gouverneur, Theo.  
o Dupont, Léon V  
Os principaes

1.º pa

Definição da Imp  
phia dos inventores,  
e proveito, etc. etc.

2.º pa

O livro — A fundi  
sição. — A revisão. A  
A molhagem do pr  
typia e galvanoplas  
ra. — A encadern  
Aos typograph  
tes do Brazil, que  
mais importantes  
arte, proporemos  
familiarisarem-se  
processos, publica  
mental obra typogr  
os nomes das autori  
collaboraram e  
a me...

MUTILADO

oje uma -Secção  
armos publici-  
gos não littera-  
enviarem, como  
he, sob a res-  
e de seu auctor.

JORNAES

Por falta de espaço deixamos de  
mencionar os jornaes chegados ul-  
timamente no paquete « Rio de Ja-  
neiro »; o que fazemos no nosso  
proximo numero.

NOVENA

Começaram hontem, conforme  
to los os annos, as novenas em lou-  
vor ao Sr. Bom Jesus de Iguape,  
na casa particular do Sr. Manoel  
dos Santos Capitulo.

POESIAS

IRAÇÕES DE AMOR!

ria radiante a noite bella  
reliada, serena, de luar...  
u scismava na vida de tormentos,  
s dôres, que parecem não findar...  
mava em ti, ó crença, ó virgem meiga,  
ção de um peito quesó geme...  
mava... como as aves do deserto,  
ndo de leve a brisa as flores treme....  
lisoões para quem padece tanto.  
em ama como poucos amam ..  
em só por ti, sorri e chora  
os olhos em prazer mais luz derramam !...  
vezes por ti tenho soffrido

Secção livre

AO AUTOR DOS INSOLENTES VERSOS AS-  
SIGNADOS K. LALADO PUBLICADOS ULTI-  
MAMENTE NA « CIDADE DO DESTERRO »

Este sujeito insolente, estúpido,  
mentiroso, intrigante e ignorante,  
que por mais de uma vez de balde ten-  
tára collocar-me na posição de dif-  
famador como é elle, — o que ainda  
não conseguio nem conseguirà, por-  
que todos sabem perfeitamente que  
o que elle diz tem tanto valor como  
o que boceja um louco ou ébrio, — e  
um imbecil e desacreditador a<sup>e</sup>  
filhas-familia. Seu nome ha de se  
relatar quando fôr mister....

O referido sujeito disse nos seu<sup>s</sup>  
bestiologicos versos: « que é de má

MUTILADO